

**TRABALHO NA LAMA:  
SABERES E FAZERES DE MARISQUEIRAS EM GARAPUÁ E BARRA DOS  
CARVALHOS – BA**

Laita Santiago, Cientista Social – FFCH/UFBA, Pesquisadora<sup>1</sup>

Dr. Miguel da Costa Accioly, Professor Adjunto IV – IBIO/UFBA, Coordenador<sup>2</sup>

<sup>1, 2</sup> Laboratório de Ecologia Costeira e Maricultura – ECOMAR/ Instituto de Biologia/  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

*Marinelssa é presidente da associação das Marisqueiras Independentes  
“Tambaqui é obra de arte e patrimônio cultural que deve ser preservado?  
Pois a mamãe aqui é quem sabe da luta de perder as unhas e a saúde catando marisco poluído na baía.  
E alguém aí vai lutar para preservar os fósseis de todas nós que se amontoam no SUS?  
Vivo disso, mais torço que essas porcarias desses vermes deixem de existir.”  
Sítio do Arara, José Araripe Jr.*

### 1) APRESENTAÇÃO

A categoria social pescador artesanal é historicamente ignorada tanto na pesquisa sociológica quanto pela política econômica governamental, embora para a última instância dois recentes marcos importantes foram a criação em 2009 do Ministério da Pesca e Aquicultura e da lei da pesca, são ainda tímidos os esforços da gestão pública de inclusão dos trabalhadores artesanais do setor na construção de políticas públicas para sua categoria a exemplo das conferências estaduais de pesca e aquicultura. Essas comunidades marítimas eram estudadas “com a utilização de conceitos e metodologias aplicadas às sociedades agrícolas ou rurais” (Diegues, 2004, p.75) quando a partir da idéia de ‘outra territorialidade’ este autor sugere uma antropologia costeira com códigos adequados às categorias referentes aos sistemas produtivos marinhos e estuarinos porque os sistemas produtivos da terra não se adequam a um lugar com uma forma de ir e vir diferente da terra, mas sem perder a relação com a terra até porque no fundo do mar há terra, que depende da dinâmica ambiental variável pelo fluxo das marés que determina da economia ao cotidiano de trabalho e parte da vida social comunitária:

Começa a se desenvolver uma área do conhecimento interdisciplinar nas ciências sociais intitulada de socioantropologia marítima ou antropologia da pesca que estuda a complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações litorâneas no processo de apropriação do espaço marinho que daí retiram sua subsistência (Diegues, op.cit., p.76).

“Um declínio dos estoques naturais de espécies animais comestíveis que ocorrem nas áreas de manguezais tem sido observado no Brasil com conseqüências como perda de

renda, descaracterização cultural, uso de práticas de pesca predatórias e êxodo rural” (NETO ET AL., 1997; DONALDSON, 1997, citado por Accioly, 2005, p.2). A escassez dos estoques de pescado diminui a atividade pesqueira e a população migra para outras atividades. O fato da atividade pesqueira se realizar principalmente no mar é o argumento fundamental para que, na divisão sexual do trabalho, caiba à mulher a maioria das atividades em terra incluindo o trabalho doméstico. Mudanças no contexto da divisão sexual do trabalho na mariscagem foram apontadas em um diagnóstico socioeconômico e ambiental da mulher pescadora realizado no recôncavo baiano:

A mariscagem, que em tempos passados era atividade tipicamente feminina passa a ser ocupação também de homens devido ao caráter do manguezal enquanto território de livre acesso, alteração que torna-se bastante significativa e aponta para uma tendência ao monopólio masculino na captura de mariscos e o recolhimento das mulheres ao processo de beneficiamento (IBAMA, 1992).

Podemos encontrar em Woortmann (1992, p.46) relatos de comunidades litorâneas que também praticavam a agricultura como importante atividade produtiva, em terras não apropriadas privadamente que eram um dos pressupostos de reprodução dos grupos pesqueiros, com a especificidade de serem cultivadas por mulheres para a lavoura, criação de animais ou retirada de lenha:

As terras chamadas *soltas* pertenciam em sentido consensual à comunidade adjacente e seu acesso era mediado por relações de parentesco, mas foram sendo privatizadas, reduzindo o espaço produtivo da mulher e as famílias afastadas da beira do mar para a beira do mangue, local considerado insalubre para moradia.

Sem disponibilidade de terra para a lavoura, a mariscagem passa de atividade complementar à atividade principal. A remuneração do trabalho oferecida por esse mercado é, contudo, “insuficiente para repor, pela via mercantil, a fatura antes assegurada pela via do autoconsumo” (Woortmann, op.cit., p.47).

Na relação entre comunidade pesqueira e os recursos naturais se cria um saber passado de geração em geração que permite aos habitantes destes grupamentos explorar esses recursos como forma de sobrevivência. Os obstáculos naturais do caráter agreste do ecossistema mais as influências externas oriundas do meio adjacente influem nos fluxos de transformações do ecossistema e na organização do processo produtivo e a atividade de coletar mariscos encerra um legado, patrimônio cultural imaterial, uma série de

conhecimentos necessários que são transmitidos em nível tão cotidiano que muitas vezes as próprias pessoas da comunidade não se dão conta que esse saber existe:

Este saber é denominado por Sunkel (citado por IBAMA, 1992) de “ecológico-empírico” mediante o qual a sociedade viabiliza sua existência material e se reconhece enquanto tal, compartilhando práticas e valores que lhe dão uma identidade. [...] Assim, ao longo do processo da relação homem/natureza, as características geofísicas do meio ambiente influenciam sobre a produção e saber de uma sociedade.

As comunidades pesqueiras localizadas no Baixo Sul baiano têm assistido a diminuição da capacidade de recarga dos seus estoques de espécies animais comestíveis que ocorrem no complexo marinho, limitando as possibilidades de trabalho de suas populações, fazendo com que lancem mão de técnicas agressivas de extração dos recursos marinhos e que se afastem de sua ocupação tradicional. A Vila de Garapuá, balneário de exuberante beleza pertencente ao município de Cairu, APA Tinharé-Boipeba, tem cerca de 700 moradores enquanto Barra dos Carvalhos, vila de pescadores localizada no município de Nilo Peçanha, APA de Pratigi, tem população aproximada de 1.500 pessoas. Nos dois locais onde se deu esta pesquisa, as mulheres realizam a mariscagem de várias espécies e ainda participam do beneficiamento dos mariscos e pescado. Os homens, por sua vez, além da mariscagem, também realizam a pesca de diversas espécies da região. Apesar das crianças participarem da pesca e da mariscagem, não se constitui em considerável contribuição à renda familiar por ser pequena e usada no consumo doméstico. Essas mulheres extrativistas marcadamente afrodescendentes, muitas delas chefes de família, têm sofrido uma série de conseqüências em função da diminuição dos estoques naturais dos produtos coletados, situação que agrava o quadro das já difíceis condições ambientais do trabalho no mangue. Mudanças ocorridas no ambiente têm gerado dificuldades a serem enfrentadas, as marisqueiras reconhecem a sobrepesca como principal causa da crescente escassez dos mariscos, em detrimento da perda de habitat<sup>1</sup> e são conscientes das influências externas que atuam sobre elas e seu meio. Essa diminuição dos estoques naturais pode estar relacionada a fatores como: a) Perda de habitat; b) O aumento da quantidade de pessoas trabalhando na atividade marisqueira, inclusive homens que migraram da pesca e da captura do caranguejo, em ambas as comunidades é grande o índice de aumento populacional, gerando exploração excessiva em determinadas áreas; c) A não realização de coleta seletiva; d) A destruição

---

<sup>1</sup>Local onde vive uma população biológica.

das áreas de manguezal pela maricultura clandestina; e) A destruição da vegetação do mangue; f) A situação sanitária, tendo os dejetos escoados para o mar e para o mangue; g) A intervenção de agentes externos como a Petrobrás, através da exploração da costa com plataformas de gás.

Por muito tempo a legislação não permitiu o registro da mulher pescadora por não ser a profissão oficialmente reconhecida, alijando-a dos benefícios sociais garantidos pela previdência e do amparo aos direitos trabalhistas. Segundo o Projeto de desenvolvimento da mulher na atividade pesqueira desenvolvido pelos órgãos NEIM/IBAMA (1995, p.11) as condições de existência das marisqueiras são marcadas por “dispositivos opressivos na medida em que é submetida a baixos níveis de renda e não tem o devido reconhecimento social ao seu trabalho”:

O valor protéico dos alimentos produzidos pelas marisqueiras, a importância cultural dos mariscos para a indústria turística, o valor ecológico do sistema que exploram, a singularidade da organização da sua produção e reprodução social condicionada pelas fases da lua e pelo fluxo das marés, a longa jornada de trabalho no manguezal e as precárias condições de vida a que são submetidas são razões suficientes para torná-las beneficiárias de políticas públicas destinadas à promoção do trabalho feminino e de merecerem a atenção dos estudos antropológicos sobre a inserção da mulher no meio produtivo marinho (NEIM/IBAMA, op. cit., p.24)

Essas dificuldades têm levado essas mulheres a adotar estratégias para continuar com a atividade marisqueira, como trabalhar apenas esporadicamente no mangue, migrando para outras atividades. Sabem, porém, que cada vez mais, a forma particular de exploração do mangue é determinada por conjunturas de influências e agressões externas à qual o saber acumulado pelas práticas tradicionais poderá não responder satisfatoriamente às novas condições ambientais.

A pesquisa aqui apresentada tem o objetivo de conhecer e caracterizar os processos de trabalho realizados pelas marisqueiras das duas comunidades do Baixo Sul da Bahia, seu estoque de conhecimento acumulado sobre a dinâmica da reprodução ambiental do complexo ecológico e dos recursos naturais que aí ocorrem. Neste artigo estão algumas reflexões em torno da importância da preservação desse arsenal cultural da pesca praticada por mulheres, saber que é transmitido através da oralidade, para dar visibilidade às memórias deste *grupo subalterno* (Blume, 2009, p. 55), esperamos que o conhecimento produzido ajude a subsidiar a incitação de processo de discussão sobre a necessidade de propor políticas públicas para o segmento da mariscagem, assim como

há para pescadores de camarão, robalo, entre outros, já que a captura dos mariscos é uma atividade de grande relevância econômica e social na região.

## 2) MÉTODOS

Trata-se de um estudo etnográfico com marisqueiras das duas comunidades pesqueiras do Baixo Sul Baiano, com duração de onze meses (2005 - 2006), utilizando oito entrevistas semi-estruturadas, cinco realizadas em Barra dos Carvalhos e três em Garapuá, registro em diários de campo e fotográfico realizados dentro das atividades do Programa Marsol (CNPq proc. 506196/2004-6), do Laboratório de Ecologia Costeira e Maricultura, que atua na região em projetos de extensão destinados a transmissão de tecnologias em maricultura artesanal, e que contava com duas agentes comunitárias nativas vinculados ao seu quadro técnico que atuaram como informantes-chave nesta investigação, pois além de dar seus depoimentos, foram de grande ajuda no mapeamento amostral, ao apresentarem outras entrevistadas, tradicionais e experientes marisqueiras com diferentes faixas etárias, estados civis e nº de filhos. A identificação dos elementos da amostra se deu mediante a técnica bola de neve (*snowball*), segundo a qual um informante indica outro e assim sucessivamente. A indicação de trabalhar com etnografia se deu por tratar-se de elementos difíceis de ser quantificados por outro instrumento. Na análise dos dados qualitativos foram mostradas versões do mesmo fato e feitas categorizações, agregando por afinidade elementos recorrentes nos discursos, em torno das quais os dados foram analisados.

## 3) RESULTADOS

A iniciação na pescaria se dá aos sete ou oito anos de idade acompanhando a mãe, avó, tias, irmãs mais velhas ou vizinhas embora tenha havido também referência a pai, avô, tios e irmãos. As artes de pesca desenvolvidas pelas mulheres são a captura do aratu, siri e guaiamum, coleta da lambreta e do chumbinho, pesca de camarão com redinha e de peixes de linha e extração da ostra, do sururu e do caranguejo de andada<sup>2</sup>, tradição afetada pela doença do caranguejo letárgico que assolou regiões litorâneas do Nordeste

---

<sup>2</sup>Período do ciclo reprodutivo em períodos intercalados, que dependem da lua, maré, salinidade da água e outras condições climáticas, em que fêmeas e machos saem das tocas para o acasalamento e nas andadas seguintes, as fêmeas liberam as larvas, que se desenvolverão transformando-se em nova geração de caranguejos.

brasileiro. Os resultados apontam ainda participação feminina em artes de pesca majoritariamente masculinas como na extração do caranguejo de braço, captura do polvo, pesca de arrastão e de calão. Parte do peixe é consumido e vendido fresco, parte é seco ao sol e comercializado. Os peixes podem ainda ser conservados através do processo de defumação. Uma importante atividade exercida é o beneficiamento de peixes e camarão, os peixes são tratados, salgados e secos ao sol em tabuleiros ou esteiras artesanais improvisadas em frente ou no quintal das casas até que comecem a ficar enxutos, quando então são enfiados em um palito e expostos novamente ao sol até que fiquem secos. O camarão proveniente da pesca masculina de arrastão é catado para fazer o filé, cascas e cabeça são retiradas e é lavado, limpo e ensacado para o congelamento. São precárias as condições de higiene na realização de forma rudimentar do beneficiamento de peixes e mariscos que ficam desprotegidos de vento e poeira, moscas e outros insetos, pequenos lagartos, animais domésticos como gatos e cachorros. Em sua dupla jornada de trabalho, a mulher pescadora permanece imbuída de sua atribuição histórica de cuidar da casa e dos filhos, mas exerce ainda serviços domésticos em casas de veraneio no caso de Garapuá ou casas de outros moradores, preparo e venda de salgados e doces, onde contam com a ajuda dos filhos, costura e o trabalho como tesoureira para colônia de pesca.

A organização do trabalho na mariscagem é autogestionária e embora reúnam-se em grupos para realizá-lo como estratégia de proteção, o ato da coleta e produto do trabalho na lambreta, siri, aratu, sururu, guaiamum e polvo é individual. Já o camarão e o peixe proveniente da pesca com redinha é dividido igualmente entre as pescadoras. Sempre levam uma roupa para troca e merenda ou almoço.

A pesca com bomba é prática comum em Barra dos Carvalhos. As marisqueiras não dispõem de estrutura de estocagem e transporte, reduzindo seu poder de barganha e obrigando-as a vender a intermediários a preços abaixo do mercado. No verão, os produtos têm um valor mais elevado e o preço cai na baixa estação, valor este determinado pela figura do atravessador, dificuldades que as têm levado a adotar estratégias para continuar com a atividade como trabalhar apenas esporadicamente no mangue, migrando para outras atividades como o beneficiamento, o trabalho na piaçava, no artesanato e nos serviços domésticos. Tais condições têm feito com que essas mulheres percebam seu trabalho no mangue como estigmatizado e desvalorizado e não incentivem seus filhos a aprendê-lo, muitas vezes desejando abandonar a tradicional atividade, trazendo à tona a questão da auto-estima da marisqueira e alterando assim a

dinâmica local de transmissão do conhecimento. O imaginário social percebe o ecossistema mangue como espaço geográfico desordenado e insalubre, esta imagem do mangue “mediatiza grande parte das relações sociais e o ecossistema no Brasil, onde visão semelhante é reservada às zonas de prostituição femininas, também chamadas de mangue” (Oliveira, 1993, p.73). Uma das entrevistadas afirmou que quando sai de sua comunidade omite que é marisqueira, revelando ser apenas catadora de camarão, por se envergonhar de trabalhar no mangue.

### **Savoir-faire<sup>3</sup> de lambreteiras e de pescadoras de siri e aratu**

A lambreta é apontada como principal fonte de renda para muitas mulheres da comunidade de Garapuá, motivo que leva ao êxodo de mulheres que não desejam trabalhar no mangue para as cidades de médio e grande porte. O trabalho na coleta da lambreta é intensivo, apesar de terem aparecido relatos de domínio pelas lambreteiras de técnicas de captura de outras espécies de moluscos assim como de crustáceos. As lambreteiras são facilmente identificadas pela própria organização do trabalho em grupos fixos com quatro a cinco integrantes cada compostos em sua maioria por mulheres de diferentes faixas etárias, mas com a participação de alguns homens e que tem como critério de escolha das parcerias de trabalho principalmente as relações de afinidade. A extração da lambreta é realizada durante todo o ano, numa média de quatro horas de trabalho quase diário, em quatro a cinco turnos semanais. No período chuvoso, em que os homens não podem exercer algumas atividades de pesca, é esse molusco que sustenta a economia doméstica da comunidade.

Preferem realizar a coleta no verão, pois a chuva por vezes inviabiliza o trabalho, porém o inverno é apontado como período do ano em que o molusco é encontrado em maior quantidade, fato relacionado pelas entrevistadas ao movimento da espécie no mangue, que com a lama fria sobe para a superfície, enquanto no verão a lama esquenta e ela desce para a parte profunda do mangue. Como vestimenta usam short para facilitar o deslocamento na lama e além da roupa que é levada para troca, levam um tecido torcido que usam na cabeça para ajudar no apoio ao carregar o samburá<sup>4</sup>, a que chamam de *arrodilho* e um lenço usado na cabeça para proteger os cabelos da lama, embora muitas vezes, não consigam evitar que sujem. Integra ainda o ritual de preparação para o

---

<sup>3</sup>O know how, conhecimento tradicional mais artesanato ou conhecimento processual, é o conhecimento de como executar uma tarefa.

<sup>4</sup>Cesto construído com cipós trançados para carregar peixes e mariscos.

trabalho no mangue o uso do óleo diesel em todo o corpo e rosto com o objetivo de repelir mosquitos e moscas como a mutuca que alimenta-se também de sangue humano.



Na foto acima, vemos a secagem do peixe.<sup>5</sup>

As técnicas utilizadas são a coleta com a mão ou com o facão e para localizá-la devem estar atentas ao que chamam de suspiro, que é a respiração da lambreta. Na coleta com a mão devem tatear embaixo de quizambas<sup>6</sup> até encontrar o molusco enquanto na coleta com o facão a mão só é levada à lama quando o facão toca a lambreta.

Valdete: A gente cava mais debaixo das raízes, tem o suspiro que é um olhinho d'água em cima da lama, você cava ali, ela ta ali nem que seja uma filhinha. A gente cava muito em pé de raízes, em beira de rio assim que tem muita lambreta.<sup>7</sup>

Devido à singularidade de alguns mangues dessa comunidade é necessário desenvolver a habilidade de equilibrar-se para caminhar sobre quizambas com o samburá na cabeça.

<sup>5</sup>Foto de pesquisa da primeira autora. Garapuá, 11/07/2006. A marisqueira Valdete realiza a última etapa da secagem do peixe que é agregado e preso a cordões em frente à sua casa.

<sup>6</sup>Raízes do mangue vermelho, uma das principais espécies arbóreas do mangue.

<sup>7</sup>Entrevista a Valdete de Jesus Leão, marisqueira e pescadora de Garapuá, 33 anos, casada, 3 filhos, realizada em 02/09/2006 por Laita Santiago.

Além de buscar áreas de manguezais cada vez mais distantes e menos exploradas, evitam partes recentemente trabalhadas do mangue que sabem reconhecer através de pegadas em quizambas e da consistência da lama e é adequado manter um espaço entre os integrantes do grupo dentro do mangue para que o trabalho de um não interfira no trabalho do outro. Os depoimentos trazem um conhecimento empírico, saber-prático construído através da experimentação, fruto de observação de fenômenos da natureza e prática, através do qual é possível construir mecanismos de controle sociais autogestionários de exploração, onde grupos constituem estratégias para uma etnoconservação como a realização de revezamentos diários ou semanais nos mangues explorados e mecanismos de controle interno do número de jornadas semanais de trabalho no mangue, e a ultrapassagem dessa cota de cinco turnos é relacionada pela própria comunidade como sobreexploração causada por pobreza excessiva. A respeito dos mecanismos de controle internos da comunidade da quantidade de jornadas semanais de exploração da lambreta citado como estigma de “esmolé”, onde as mulheres sofrem sanções ao irem trabalhar no mangue aos fins de semana, sendo vistas como mais necessitadas de recursos econômicos que os outros moradores e chamadas de *esmolé* para significar mendigas.

Zeca: Se a gente for sábado, ih, diz que nós somos esmolé. Eles fica falando assim: “cadê fulana? Ah, foi pro mangue. Claro, mais precisada do que os outro, trabalha a semana toda e ainda tem que ir sábado?” Imagine domingo, aí vai dizer que a gente ta passando fome.<sup>8</sup>

Depois da coleta, a lambreta conserva-se até quatro dias fora do mangue, algumas estratégias de conservação do molusco apontadas foram: 1.em caso de guardá-lo em casa, escolher o local mais frio e úmido, colocando-o chão do banheiro; 2. espalhá-lo no chão sobre um saco para que fiquem menos próximas; 3.colocar a lambreta imersa em água salgada em casa; 4. colocá-la em um saco enterrado na beira do mar, onde conserva-se por até trinta dias. A dúzia é a unidade de comercialização, vendida a atravessadores, levada de barco para Valença ou a donos de quiosques que compõem a cena da praia.

Já em Barra dos Carvalhos as mulheres trabalham principalmente na captura do siri e do aratu, e embora tradicional, a mariscagem apresenta menor visibilidade local do que em Garapuá, no sentido de estar dissolvida entre outras atividades (pluriatividade) e se

---

<sup>8</sup>Entrevista a Maria José Santana da Cruz, marisqueira de Garapuá, 37 anos, viúva, 2 filhos, realizada em 23/07/2006 por Laita Santiago.

configurar enquanto trabalho familiar da mulher com seus filhos pequenos, geralmente grupos de mãe e filhos ou jovens irmãos e primos de dois a oito componentes. Nesta comunidade, além do manguezal, várias artes de pesca são realizadas também no bioma<sup>9</sup> beirada<sup>10</sup>. A captura do aratu requer habilidade para subir no alto de quizambas e equilibrar-se durante horas, prática que deve ser silenciosa. Uma corda é amarrada em uma vara fina de uns dez centímetros, na ponta da linha é usada uma isca, a moréia, também capturada no mangue que é a isca preferida do aratu, mas também são usados pedaços de peixe seco, de carne, de frango ou até um outro tipo de aratu de pequeno tamanho. O aratu pode ser capturado ainda com manzuá ou com uma lata.

Dona Maria: A gente pega, marra na linha, aí a gente sobe num pé de mangue, lá em cima a gente sortia a linha pra baixo, aí onde eles tiver por ali, vem devagazinho, todo escabiado, aí a gente deixa um balde lá no chão. Aí ele vem com uma lerdeza pra gente ficar ali esperando... Anda, pára, espia pra um canto, espia pra outro, vem juntando devagazinho... A gente tem que ter paciência pra pegar o aratu... Aí quando ele vem, pega naquela isca amarrada na linha, a gente suspende e joga dentro do balde.<sup>11</sup>

Na captura do siri com manzuá<sup>12</sup> a parte interna da cabeça do caranguejo é utilizada como isca enquanto na captura com gereré<sup>13</sup>, instrumento de pesca colocado no fundo da maré põem uma redinha com pedaços de peixe usados como isca. Já na captura do siri com gaiola<sup>14</sup>, que é deixada no meio do rio, fazem uma ou duas mariscadas por dia, uma à tarde conforme a maré e outra pela manhã e se a maré não permitir, mariscam no dia seguinte. A captura do siri ocorre ainda com o ripichel<sup>15</sup>. Após a captura, deve-se colocar uma das pernas do animal dentro da boca para que ele não morda.

Dona Maria: A gente vai pescar ele, se a gente vai pescar de ripichel a gente pesca, se a gente não quiser pescar de ripichel, se a maré ta boa, porque tem maré que dá siri no mangue, a maré morta, dois dias antes dá muito siri no

---

<sup>9</sup>Região caracterizada pela relação ecossistema e clima.

<sup>10</sup>Reentrâncias costeiras cobertas de manguezais, com alta produção de mariscos e pescados, onde se assentam comunidades pesqueiras tradicionais.

<sup>11</sup>Entrevista a Maria José Brito, marisqueira e pescadora de Barra dos Carvalhos, 53 anos, separada, 9 filhos, realizada em 22/10/2006 por Laita Santiago.

<sup>12</sup>Artefato usado na pesca do siri e do aratu feito de palha de canabrava por artesãos da própria comunidade.

<sup>13</sup>Instrumento utilizado na pesca do siri, rede com abertura fixada em armação redonda ou semi-círculo de madeira ou ferro, tem o formato de cone ou saco, cuja boca é voltada para cima, possui uma haste por onde é manuseado o petrecho.

<sup>14</sup>Artefato feito com bordas de ferro, uma tela, garrafas pet conhecidas na comunidade como *buião* encaixadas em cada lado da tela, essas garrafas são cortadas, pedaços de peixe depositados em seu interior como isca, depois novamente tampadas.

<sup>15</sup>Instrumento para captura do siri feito de palha de canabrava.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

lugar que tem. A gente chegou topou ele, óia, aí a gente pega ele, entorta a boca dele... a perninha, corre dentro da boca assim que aí ele não morde mais ninguém.<sup>16</sup>

Ao chegarem do mangue aratus ou siris são lavados, escaldados, despeitorados (tirar o peito do casco), catados e ensacados para a venda. A foto que segue<sup>17</sup> representa bem o beneficiamento onde utilizam uma bacia para pôr o animal, uma vasilha onde colocam o catado, um pedaço de madeira que assemelha-se a uma tábua e um pauzinho pequeno chamado de cepo para partir as pernas mais duras dos crustáceos.



Em Barra dos Carvalhos ocorre ainda, em menor escala, a extração da ostra, onde a canoa é de grande utilidade, embora nenhuma entrevistada tivesse posse de canoa. Para diminuir a carga que levam na cabeça, algumas marisqueiras optam por refogar a ostra ainda no mangue, que após aberta, deve ser imediatamente imersa em água. São encontrados ainda o sururu e o guaiamum, capturado com ratoeira. Outra atividade das mulheres é a pesca de camarão com redinha utilizando o instrumento cata-cata, uma rede de maré pequena, além de canoa e samburá e há ainda a pesca de linha, modalidade que emprega o trabalho de cinco a seis pessoas e mescla homens e mulheres. A melhor

<sup>16</sup>Entrevista à Maria José Brito, Idem.

<sup>17</sup>Foto de pesquisa da primeira autora. Barra do Carvalhos, 14/10/2006. Sentada em um banco de madeira em frente à sua casa Dona Rita cata o siri coletado por seus filhos jovens em companhia da irmã.

maré apontada para a realização do trabalho no mangue foi a maré grande por alagar todo o mangue, encher e vaziar cedo e ao meio dia já aproxima-se o horário de voltar para casa. A atividade de catar camarão emprega muitas mulheres desta comunidade e aqui se pode observar mais intensamente o processo de migração da mulher da mariscagem para o beneficiamento, tanto do camarão proveniente da pesca de arrastão como do siri e do aratu capturados por filhos jovens, com muitas mulheres abandonando a profissão de marisqueiras, passando a realizar somente a pesca na beirada e pesca de camarão com redinha, principalmente entre as mulheres a partir dos quarenta e cinco anos de idade, mas mulheres jovens da comunidade também afirmaram ter abandonado a mariscagem e outras mulheres ativas na mariscagem não escondiam o desejo de parar.

### **A pescadora pesca a dor? Ergonomia<sup>18</sup> do trabalho no mangue**

As dificuldades na captura têm causado preocupação a esses grupos de mulheres, que temem a extinção de espécies e da atividade e é gerado um impacto negativo na qualidade de vida ao passarem a percorrer maiores distâncias na intenção de encontrar partes do mangue ainda menos exploradas e aumentar a quantidade de horas de trabalho, ficando mais expostas aos perigos do ambiente como sol e chuva, o risco de picada de cobras como a jibóia, a surucucu e a jaracuçu, e de animais como o caramuru<sup>19</sup> e moreati<sup>20</sup>; risco de cortes com o facão, conchas de lambreta e de ostras, vegetação do mangue e detritos como vidros quebrados, risco de afogamento, quedas, esta última em especial na captura do aratu, onde sobem até o alto das quizambas, picada de insetos como a mutuca.

Dona Maria: Eu tava tirando chumbinho lá na coroa e não tinha buraco, não tinha nada, quando eu vi sair aquele negoço assim fazer “tic”, se entocou aqui. Aí eu olhei pro dedo, não doeu na hora, eu digo ôxe, disse que tem um negoço que chama moreati que é um trem de veneno, eu me lembrei, mas disse que dói pra danar e não ta doendo... daqui a pouco, não levou uma hora começou minha cabeça a me doer, aí eu comecei a sentir frio, comecei a tremer daqui, num guentei... Isso aqui me doeu vinte e quatro horas.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup>Trata da compreensão das interações entre os seres humanos e outros elementos de um sistema, por exemplo na adequação de um posto de trabalho às características, capacidades e limitações humanas.

<sup>19</sup>Peixe em formato de serpente com o corpo todo escuro, avermelhado ou esverdeado. Moréia.

<sup>20</sup>Peixe peçonhento que vive sobre a lama do mangue e que causa freqüentes acidentes pela inoculação de veneno através de espinho sobre o corpo.

<sup>21</sup>Entrevista à Maria José Brito, Idem.

Como estratégia de cuidado e proteção contra picada de insetos e mosquitos fazem uso de dois shorts ao mesmo tempo confeccionados com tecido grosso, geralmente jeans e de camisa comprida, camisa de manga, calça comprida, luva e nos períodos em que há mais mosquitos improvisam uma máscara com tecido deixando descoberto apenas a abertura dos olhos, para efeito repelente uso na pele de óleo diesel, que na falta pode ser substituído por querosene, gás natural ao qual pode ser adicionado azeite de dendê para mudar a textura, uso de creme hidratante na pele tanto para ir ao mangue como para aliviar o ressecamento e danos causados pela exposição a sol e ao óleo diesel; contra acidentes e outros perigos, o trabalho em grupo é apontado como importante estratégia de proteção, evitando afastar-se quando estão sozinhas ao pescar na beirada e no riacho; para prevenir quedas devem andar com cuidado para não cair e retirar o excesso de lama dos pés antes de subir na quizamba; o cuidado com efeitos da picada do moreati citado foi a retirada do veneno por enfermeira do posto de saúde. Do mesmo modo, além de serem frequentemente vitimizadas por quedas, percebemos grande incidência de doenças ocupacionais como alergias por usarem óleo diesel e querosene na pele para se proteger dos insetos, problemas crônicos relacionados à ergonomia com seus esforços repetitivos e modos de posicionar o corpo durante o trabalho com o tronco totalmente curvado, como reumatismos e dores no corpo (costas, tórax, cabeça, membros, mãos, pés e articulações), problemas de coluna, varizes, inchaço nas pernas, hipertensão, hérnia, cisto, problemas ginecológicos sendo a causa dos dois últimos associados por elas com a exposição às temperaturas da lama no inverno ou verão, a que chamam de “quentura” ou “friagem” do mangue, inflamação nos dedos das mãos causada por fungos, cortes e quedas de unhas, cortes e cicatrizes na pele, alergias e manchas na pele causadas pela excessiva exposição ao sol, água salgada e pelos efeitos do uso de óleo diesel ou do querosene, houve ainda referência a um caso de alergia ao beneficiamento do camarão.

#### 4) ‘OSTRAS’ PALAVRAS

Reza a tradição analítica em antropologia da pesca que existe segregação de gênero no trabalho nas comunidades pesqueiras, as atividades no mar exercidas por homens e as atividades na terra exercidas por mulheres e sendo o mangue identificado com a terra, o que pôde ser observado em ambas as comunidades confirma parcialmente essa tese, pois ainda se encontra o modelo tradicional de mulheres em terra e mangue e homens

no mar, mas algumas dessas fronteiras são flexibilizadas na medida em que a partir das dificuldades econômicas e crise da pesca artesanal, o homem passa a ocupar o mangue não mais apenas para a captura do caranguejo, mas também de espécies tradicionalmente exploradas pelas mulheres como a lambreta, o siri e o aratu, processo que em Barra dos Carvalhos já vem há mais de trinta anos ou uma geração, uma vez que o pai de uma das marisqueiras entrevistadas era pescador de siri e aratu assim como sua esposa. A divisão do espaço de trabalho e da atividade com o homem que antes vivia da pesca e da extração do caranguejo só passa a ser um problema ao se pensar não na esfera das relações pessoais, mas na ótica econômica, de passar a disputar o mesmo espaço físico-produtivo com a mulher, com a cada vez maior sobreexploração do bioma e dos recursos naturais animais comestíveis que aí ocorrem. Essas mesmas fronteiras flexibilizadas, sutis teias de cultura traçadas pelas próprias populações como uma via de mão dupla também leva a mudanças e transformações de hábitos culturais femininos, e além da mariscagem e do beneficiamento, algumas mulheres passam a exercer também artes de pesca tradicionalmente masculinas como a pesca de calão e de arrastão, a captura do polvo e a extração do caranguejo, ainda que como atividade complementar e não como atividade nuclear.

Em Garapuá os moradores relataram por vezes sentir uma “quebra”, um rompimento ou modificação nos valores culturais de comunidade tradicional enquanto grupamento humano que coabita as mesmas fronteiras geográficas e que tem como um dos seus pilares de sustentação da aglomeração humana as relações de solidariedade e reciprocidade. Então são relatadas mudanças nos modos de ser e de viver que remetem a um “estremecimento” das relações sociais de parentesco e principalmente de vizinhança, fazendo uma segregação entre os próprios nativos e outros atores que ali coabitam, em local que há muito deixou de ser apenas uma comunidade de nativos, pois pela beleza exuberante atrai turistas, veranistas e novos moradores.

As mudanças percebidas na mariscagem em ambas as comunidades foram muitas vezes expressas como sendo mudanças negativas em suas condições de vida, sempre se reproduzindo o discurso do trabalho e do emprego, de desejar uma relação com projetos governamentais de intervenção que tragam “emprego” e não trabalhos não remunerados diretamente. Todos os moradores necessitam direta ou indiretamente dos recursos do mar e/ou do mangue para sobreviver, o que inquieta e preocupa as marisqueiras entrevistadas, tanto pela impossibilidade de escolha do trabalho a realizar como pela crescente escassez de espécies exploradas oriundas do manguezal e da beirada. Propõem

um estabelecimento de limites e controle na quantidade e qualidade do processo de exploração dos recursos ambientais marinhos e estuarinos e diante desse quadro a maricultura foi apontada como uma alternativa produtiva e um ponto de apoio e convergência no enfrentamento às duras condições encontradas com a sobrepesca e escassez dos bancos pesqueiros.

## 5) BIBLIOGRAFIA

ACCIOLY, Miguel da Costa. Maricultura Familiar Solidária no Baixo Sul Baiano – Marsol, Salvador: Ecomar/Ciags, da Universidade Federal da Bahia, 2005. 22p (CNPq. **Seleção Pública de propostas para apoio a projeto de tecnologias apropriadas à agricultura familiar. Edital CT – Agro/MCT/MDA/CNPQ n°022/2004.** Processo: 506196/2004-6). Projeto concluído.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. Memória Popular: dialogando com narrativas orais de pescadores e marisqueiras de Ilhéus-BA, 1960 a 2008. **Mnemosine**, Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia Social e Institucional – UERJ, Vol.5, nº 2, p.53-79, 2009.

DIEGUES, Antonio Carlos. A socioantropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. In: DIEGUES, A. C. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira.** São Paulo: NUPAUB – USP, 2004. Cap.3, p.65-102.

IBAMA. **Projeto de desenvolvimento da mulher na atividade pesqueira.** IBAMA, 1995.

NEIM/IBAMA **Diagnóstico socioeconômico e ambiental da mulher pescadora no Recôncavo Baiano.** NEIM/IBAMA, 1992.

OLIVEIRA, Neuza Maria. Rainha das águas, dona do mangue: um estudo do trabalho feminino no meio ambiente marinho. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais.** Campinas, Vol. 10, nº 1 e 2, p.71-88, 1993.

WOORTMANN, Ellen F. Da Complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em “comunidades pesqueiras” do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: ANPOCS, ano 7, nº 18, p.41-61, 1992.

<http://joseararipejr.fotoblog.uol.com.br/photo20091220104215.html>

última consulta em 16/03/2011